

Pesquisa

## UM INIMIGO CONTEMPORÂNEO CHAMADO VELHICE: ANÁLISE DO DISCURSO METAFÓRICO

Valeria Silva de Oliveira\*  
voliveirj@gmail.com

\*Mestre em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense.

### Resumo

O uso metafórico da língua não compete apenas aos grandes poetas ou aos eruditos que, por gozarem do privilégio do domínio da linguagem, frequentemente utilizam-se desse recurso linguístico objetivando a ornamentação e embelezamento do discurso. Uma observação mais acurada do uso da linguagem na vida cotidiana nos revela que a metáfora tem um papel muito importante na comunicação e interação dos participantes de uma comunidade. Esse recurso linguístico é capaz de exprimir uma série de concepções que apropriadamente se adequa ao contexto em que é usado dependendo da visão de mundo e/ou experiência prévia dos interlocutores. Nesse sentido, a metáfora torna-se um fenômeno social e, por isso, seu estudo na linguagem cotidiana pode sugerir tendências ou até mesmo crenças de uma determinada comunidade, dentro de um determinado contexto. Assim, a pesquisa investigou as expressões linguísticas metafóricas presentes nas práticas sociais contemporâneas da sociedade brasileira que são utilizadas para referirem-se à velhice. A metodologia adotada implica a coleta de amostras autênticas da língua em uso, ou seja, do discurso, manualmente e através de um banco de dados online. Conforme análise do mapeamento, o grupo lexical selecionado para se referir à velhice está associado a como a comunidade de falantes alvo experiencia o inimigo. Nesse sentido, O corpus coletado e analisado sugere que a velhice é tratada dentro da comunidade alvo como um inimigo em potencial.

**Palavras-chave:** Linguística de corpus. Metáfora conceptual. Mapeamento. Velhice.

### Abstract

The metaphorical use of language is not ascribed solely to great poets or to any other kind of erudite people that often make use of this tool so as to embellish or ornament a discourse. A more acute observation of daily language use reveals a very special role to metaphor in communication and interaction among participants of a community. This linguistic tool allows one the ability to express several conceptions. Most importantly, theses various conceptions suit successfully to the context in which they are used as far as interlocutors' previous experience/background is concerned. Thus, metaphor might become a social phenomenon and, therefore, its study as part of daily language might suggest tendencies or even beliefs of a target community. Taking everything into consideration, this research investigated linguistic metaphorical expressions used when elderliness is the subject in issue in Brazilian contemporary social interaction. The methodology entails manual and online data bank collection of

samples of authentic use of language, that is, samples of discourse. The analysis and the mapping of the data collected suggest that the lexical groupings related to elderly selected are associated to how a target community of speakers experiences the theme 'enemy'. Thus, the collected and analyzed corpus suggest that the target community deals with ageing as if it were a potential enemy.

**Keywords:** Corpus linguistics. Conceptual metaphors. Mapping. Ageing

## Introdução

Muitas pessoas ainda *torcem o nariz* quando o assunto é metáfora por ainda a considerarem uma ferramenta para embelezamento e ornamentação do discurso, cujo domínio de uso competiria apenas aos poetas, estudiosos, acadêmicos e sábios. Segundo uma visão mais contemporânea, tal pressuposto omite a função real da metáfora que se caracteriza por não ser apenas um recurso utilizado para fins de embelezamento do discurso, mas também, acima de tudo, um meio/ um veículo/ uma ferramenta de comunicação do interlocutor com o mundo e vice-versa. Assim, justifica-se um programa popular de televisão utilizar metáforas como, por exemplo, "(...) e o regime *tá indo* bem?", "Você imagina essa *fera*<sup>1</sup> (...)". Esses são exemplos de usos não literais da língua. Os exemplos citados são metáforas, pois juntam conceitos díspares (SARDINHA, 2007, p.11-12), tais como, regime e viajar; a artista competente e um animal feroz, respectivamente. O uso dessas metáforas não é aleatório. O apresentador as emprega por acreditar que esse é um modo de falar que faz parte do cotidiano do povo e, por isso, o uso de tais expressões linguísticas garantirá maior possibilidade de compreensão e comunicação.

A verdade é que, conforme sugere Sardinha (2007), as metáforas são tão inerentes ao nosso habitat natural, que muitas delas não são sequer percebidas. De fato, é muito comum a ausência de percepção da

---

<sup>1</sup> Um apresentador de um programa de televisão referindo-se a uma atriz de uma emissora de TV. Grifo meu.

ocorrência das metáforas de nossa vida cotidiana nas práticas sociais, conforme relato a seguir. Conversando com uma professora de língua portuguesa, que também era aluna do curso pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal Fluminense, sobre a possibilidade de utilizar como *corpus*<sup>2</sup> para presente pesquisa instâncias de metáforas presentes em artigos de jornal cujo tema central fosse economia, a aluna, que é também professora, questionou surpresa: “Por que vai selecionar um assunto tão sério para tentar encontrar metáforas?”. Em resposta ao questionamento dessa professora, citei as metáforas orientacionais encontradas já nas primeiras linhas do primeiro parágrafo do artigo digital *Declínio da economia global está desacelerando, diz FMI*<sup>3</sup>. A frase selecionada do artigo para exemplificar as ocorrências de metáfora foi “O Fundo Monetário Internacional (FMI) deve revisar *para cima* sua previsão para a economia global em 2010, já que há sinais de que *o declínio econômico está moderando (...)*”. Após contemplar os exemplos destacados por alguns minutos, a referida professora de língua portuguesa abre um largo sorriso e diz: “Gostei!”. A resposta dessa professora ratifica a ideia de que as metáforas estão, de fato, tão incorporadas à linguagem da vida cotidiana que há quem encontre dificuldades em identificá-las. Na prática, esse modo de falar é tão recorrente que é possível questionar o que é linguagem literal, já que são tantas as metáforas:

As metáforas são um recurso natural de qualquer língua. Muitas não são aprendidas formalmente, e mesmo assim são adquiridas. Assim como aprendemos nossa língua materna antes de ir para a escola e de termos aulas de português, as metáforas são usadas desde a mais tenra infância pelos pais

---

<sup>2</sup> Viana (2008, p.31) define o termo como “uma compilação eletrônica e criteriosa de (amostras de) textos que ocorrem naturalmente com o objetivo de representar uma dada língua ou algum de seus aspectos mais pontuais de forma a possibilitar uma análise linguística previamente delineada”.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/economia,declinio-da-economia-global-esta-desacelerando-diz-fmi,389890,0.htm>>. Acesso em: 25 ago 2009.

ao falarem com seus filhos e até mesmo pelas crianças. (SARDINHA, 2007, p.16)

Embora as metáforas sejam inconscientemente utilizadas por muitos, elas também são frequentemente usadas conscientemente, como um recurso retórico, por políticos, jornalistas, *marketeiros*, escritores e outros (SARDINHA, 2007). Seu uso frequente se justifica por sua capacidade de exprimir uma série de conceitos em uma só palavra.

Elas (as metáforas) são meios econômicos de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de ideias, que não poderia ser bem expresso sem elas. (SARDINHA, 2007, p. 14)

Um exemplo são metáforas usadas pelo Ministério da Saúde<sup>4</sup> para se comunicar com a população (ex: O Brasil está unido contra a dengue, O Dia D etc.).



O exemplo acima mostra como o *frame* de guerra é construído. Segundo Cruz (2010, p. 30),

De acordo com Evans e Green (2006), para Fillmore, um *frame* é uma esquematização da nossa experiência, ou seja, nosso conhecimento de mundo está estruturado de tal modo que cada elemento (linguístico e semântico) está ligado a uma série de outros elementos. Assim, quando evocamos um destes elementos, todos os outros são ativados em nossa memória. (...) Então, as palavras e construções linguísticas são sempre relativas a *frames* e o significado daquelas não pode ser entendido independentemente dos *frames* a que estão associados. (Cruz, 2010, p. 30)

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id\\_area=920](http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=920)>. Acesso em 29 jun 2009. A metáfora conceptual DENGUE É GUERRA foi observada e pesquisada pelo Prof. Dr. Sérgio Carvalho da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o *frame* de guerra construído no exemplo anterior não nos causa um estranhamento, pois mesmo que jamais tenhamos experienciado uma guerra, a linguagem que compõe o *frame* faz parte do sistema conceptual da cultura na qual vivemos. De fato, diariamente os noticiários mostram imagens desse evento realizando-se em outros países e esse *frame* é visto e revisto. A própria história de uma nação que é aprendida nos bancos escolares é constituída de vários eventos bélicos. O uso dessas expressões contidas em um *frame* de guerra (ex. *combate, contra, O Dia D*) denuncia um inimigo em comum da nação: a Dengue. E para vencermos o inimigo, medidas são necessárias e justificadas. Conforme sugere a propaganda acima, essas medidas devem ser tomadas diariamente. Embora a população não esteja vivenciando uma guerra atualmente, a propaganda do Ministério da Saúde é amplamente compreendida, pois há um conhecimento desse evento compartilhado dentro de uma mesma cultura. E é assim que, de um modo econômico e simples, a metáfora pode expressar um rico conteúdo de ideias. (SARDINHA, 2007, p. 4).

Esse recurso retórico poderoso contribui para associarmos o velho, o já conhecido, ao novo através de uma relação de semelhança entre as partes. No caso do exemplo acima, o contexto de guerra é a informação antiga. Já o cenário grave da dengue foi um contexto novo naquele momento. Em toda humanidade, a guerra é uma situação-limite que frequentemente resulta de longos processos de negociação. A morte desenfreada de cidadãos é uma das consequências da guerra. Da mesma forma, após a tomada de todas as medidas cabíveis, as autoridades sanitárias encontravam-se em uma situação-limite em que a ocorrência de mortes aumentava diariamente. Essa relação de semelhança, que pode não pré-existir, mas ser criada pela metáfora, provavelmente justifica o emprego de metáforas de guerra para divulgar para a população a gravidade da situação. Essa, porém, é apenas uma interpretação.

As metáforas ocorrem na linguagem e na nossa mente. Conforme sugere Sardinha (2007, p.14), “Embora sejam usadas na linguagem, por qualquer um, desde cedo, elas são ditas porque existem na nossa mente, como meios naturais de estruturar nosso pensamento”. Por exemplo, se devemos agir *contra* a dengue, é porque a dengue não deve ser algo bom, não é nosso amigo, pois só devemos agir *contra* aquilo que nos faz mal, que nos prejudica. Aquilo que nos faz mal, já que não é nosso amigo, é nosso inimigo. Assim, a dengue é um inimigo. Tal inferência (*entailments*) está contida no mapeamento licenciado pela metáfora conceptual DENGUE É GUERRA. Assim, segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais seriam aquelas estruturadas no pensamento humano, a partir de nossas experiências que nascem da nossa relação com o mundo.

Para Lakoff e Johnson (2002), compreender a dengue como um inimigo significa ser capaz de sobrepor várias dimensões estruturais de parte do conceito de GUERRA à estrutura correspondente de DENGUE (e.g., “*Participantes*: os tipos de participantes (...) desempenham papel de adversários; *Partes*: as duas oposições, planejamento de estratégias, ataque, defesa-recuo, contra-ataque, recuo, etc.; *Estágio*: Participantes têm diferentes posições, pelo menos um deseja que o outro se renda (...).” Lakoff e Johnson (2002, p. 157)). Lakoff e Johnson afirmam que

Tais estruturas multidimensionais caracterizam *gestalts* experienciais, que são maneiras de organizar as experiências em *blocos estruturados*. (...) Estruturar nossa experiência em termos de tais *gestalts* multidimensionais é o que torna nossa experiência coerente. (...) Compreender tais *gestalts* multidimensionais e a correlação entre elas é a chave da compreensão da coerência na nossa experiência. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 158)

Assim, outro aspecto importante em relação à metáfora, diz respeito ao fato de que somente através desse recurso é que muitas concepções são entendidas. Por exemplo, como conceptualizar a vida? A vida é um

termo abstrato que muitos passaram a entender ou conceptualizar metaforicamente em termos de viagem. Tal concepção é possível de ser observada em expressões como “preciso tomar um novo rumo na vida”, “há uma pedra no meu caminho”, “a vida é uma jornada<sup>5</sup>” entre outros.

A metáfora é um recurso humano e poderoso por sua capacidade de expressar uma gama de informação. Quando o Presidente Lula diz que “O Estado nada mais é que uma mãe, e a mãe sempre vai dar mais atenção ao filho mais fraquinho<sup>6</sup>”, ele não só quer ganhar a simpatia do povo incluindo as mães brasileiras, mas provavelmente deseja também justificar as medidas de uma política paternalista cujo foco seria atender àqueles que o governo julgar ‘fraquinho’, ou seja, àqueles incapazes de se manterem ou crescerem financeiramente. Tal colocação de Lula, certamente, tocou a alma de muitos brasileiros, incluindo muitas mães brasileiras que conhecem na prática o trabalho que dá ter um filho mais fraquinho, pois este requer toda a atenção. São esses tipos de metáforas, que “tocam a alma”, ou seja, que emocionam e fazem surgir simpatizantes, pois tratam de uma experiência vivida e corporificada, que nos convence a aceitarmos uma situação ou a agirmos radicalmente já que acabamos convencidos de que os fins podem justificar os meios. Não é a toa que nos surpreendemos ao nos depararmos adotando dietas radicais ou todo o tipo de medida contra o envelhecimento sob a justificativa de que estar acima do peso ou de uma certa idade é um mal, ou melhor, um inimigo. Nossa cultura ocidental criou uma série de metáforas mentais que sustenta tal visão e os fabricantes de produtos milagrosos utilizam-se dessas metáforas para convencer o consumidor que medidas radicais ou o consumo de produtos diversos são justificáveis para se alcançar um padrão ideal.

---

<sup>5</sup> Da música *Amazing* do Aerosmith “Life is a journey not a destination”

<sup>6</sup> <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10945>



A presente pesquisa pretende investigar as expressões metafóricas utilizadas quando o assunto é velhice/envelhecimento que são licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE/ENVELHECIMENTO É INIMIGO. Acredito que os diversos meios de comunicação apropriam-se dessa metáfora conceptual para tratar de uma situação-limite segundo parâmetros da cultura ocidental pós-moderna e convencer o interlocutor a aderir às sugestões milagrosas em detrimento do que os profissionais de saúde diariamente prescrevem como indicação para um envelhecimento prioritariamente saudável.

A seção seguinte tratará de uma breve revisão bibliográfica em que será discutido o conceito de metáfora a partir da visão tradicional e da visão contemporânea. Apresentar todas as teorias recentes da metáfora fugiria do escopo do presente trabalho. Assim, focaremos apenas em apresentar uma discussão da fundamentação teórica relevante para a presente pesquisa cuja teoria central será a metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980) e implicações da cultura segundo Kovecses (2005). Na seção III será brevemente discutida a velhice na contemporaneidade segundo pesquisas no campo das Ciências Sociais e Psicologia. A seção subsequente discorrerá sobre a metodologia e análise dos dados e, por último, serão apresentadas as considerações finais.

## **1 Fundamentação Teórica**

Esta seção pretende definir metáfora a partir da visão clássica e discutir alguns pressupostos de teorias mais contemporâneas. Tal discussão se faz necessária para observarmos que a metáfora sempre desempenhou uma função básica e importante na linguagem ao longo dos séculos, aquela de transferência de sentido conforme será apresentado mais amplamente a seguir. O que mudou foram as perspectivas das diferentes teorias que surgiram e que contribuíram para ampliar o conceito e o uso da metáfora.

A origem etimológica do termo 'metáfora' é grega, *metaphorá*, e nasceu da junção de dois elementos que a compõe: *meta* e *pherein*, que significam 'mudança' e 'transporte', respectivamente. Nesse sentido, a origem do termo surge como sinônimo de 'transporte', 'transferência', sugerindo a ideia de uma "transposição do sentido de uma determinada palavra para outra, cujo sentido originalmente não lhe pertencia<sup>7</sup>." Essa visão, que surge da origem etimológica do termo, reflete a noção mais antiga e tradicional da metáfora, sugerida por Aristóteles do séc. IV a.C. que definia que a "(...) metáfora é o uso do nome de uma coisa ("B" = veículo ou fonte) para designar outra ("A" = tenor ou alvo)" (SARDINHA, 2007), ocorrendo uma símile não explicitada, já que haveria uma relação de similaridade anterior de alguns aspectos específicos entre um termo "A" e o termo "B" (e.g. Julieta é o sol). Segundo Leezenberg (2001, p.33), essa definição de metáfora de Aristóteles limita-se a apontar para o evento da 'transferência' dos termos. Essa visão não estabelece uma doutrina ou esclarece como as metáforas devem ser interpretadas.

Na definição de Aristóteles, a metáfora é entendida como um recurso linguístico, ou seja, uma figura de linguagem do discurso poético ou retórico com a função de "ornamentação" e "manipulação", respectivamente.

Os políticos, por exemplo, usariam frequentemente a metáfora para "esvaziar" o seu discurso (retórico) ou para desviar a atenção do que seria tido como "sério" (que seria literal) por meio de enunciados de impacto, mas sem qualquer compromisso com o que 'realmente importa'. (VEREZA, 2006, p. 2)

Por sua natureza figurativa, a metáfora não representaria no discurso o real ou a verdade, apenas o imaginário.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metáfora.htm>>. Acesso em: 28 jul 2009.

Um princípio da teoria de interpretação figurativa surgiu ainda dentro da visão Aristotélica, apenas quando exemplos foram discutidos, apresentando quatro tipos de metáforas: do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e de analogia. A noção de metáfora de Aristóteles era mais ampla, incluindo o que hoje chamaríamos de hipérbole e sinédoque, além da comparação direta. No livro III de Retórica, Aristóteles retoma a noção de metáfora tratando da importância de seu emprego principalmente por sua capacidade de expressar um conhecimento ou uma ideia nova que o ouvinte não tinha até então. Sardinha (2007, p. 21) observou que "(...) sendo nova (a ideia), ela (a metáfora) exige do ouvinte ou leitor um trabalho mental para encontrar o ponto em comum entre as entidades presentes na metáfora". Nesse sentido, o reconhecimento da existência de um trabalho mental "(...) pode sinalizar que Aristóteles reconheceu o papel cognitivo da metáfora, na medida em que ela propicia aprendizado (de conceitos, palavras, etc.), não sendo a sua visão a de que a metáfora seria apenas um artifício vazio". (SARDINHA, 2007, p. 21)

A maior crítica feita atualmente em relação à visão de Aristóteles é que o filósofo deixou muitas questões não respondidas (LEEZENBERG, 2001), como por exemplo, a distinção entre a linguagem literal e a metafórica. Porém, ele ainda é considerado, talvez por muitos, o "pai da metáfora", já que, ao se buscar uma origem para a teoria da metáfora, estudiosos dificilmente não resgatam como ponto de partida alguns paradigmas aristotélicos, mesmo que seja para discordar.

Segundo Sardinha (2007), foi possivelmente durante a Renascença, quando classificar o mundo em categorias era uma tendência, que a metáfora inicial de Aristóteles foi desmembrada em muitas figuras de linguagem. Essa é provavelmente a origem da metáfora como figura de linguagem associada a uma visão prescritiva da língua e como recurso de embelezamento e ornamentação do discurso. "Ela é geralmente estudada em literatura como uma técnica de poetas para expressar sentimentos e

também como um traço particular que ajuda a definir o estilo de um escritor; até por isso, às vezes as figuras são chamadas de figuras de estilo". (SARDINHA, 2001, p. 23).

Já a dominância do modelo lógico-positivista da ciência da primeira metade do século XX *jogou a metáfora para o escanteio* por esta ser considerada na época um desvio do sentido literal que se caracteriza pela exposição da verdade pura e simples. Passado o momento de dominância desse modelo, muitos estudiosos fundaram suas próprias teorias devolvendo à metáfora sua posição de figura mestra, outrora sugerida por Aristóteles. Segundo Vereza (2006), a *teoria da interação* (RICHARDS, 1936; BLACK, 1962) contribuiu amplamente para construção de uma nova visão da metáfora, já que não apenas o papel linguístico, mas também seu papel cognitivo foi destacado. Segundo essa teoria, a similaridade existente entre os termos nasce da interação entre o tópico e o veículo, "A" e "B" respectivamente. Em 'Julieta é o sol', por exemplo, não existiria nenhuma relação de similaridade anterior entre o veículo 'sol' e o tópico 'Julieta'.

Certamente podemos pensar literalmente no sol sem nunca incluir qualquer atributo relacionado à Julieta, até porque muitos de nós nem a conhecemos. Por outro lado, não há nada na definição de Julieta que nos diga que ela possa ser o sol, ou a lua ou qualquer outro corpo celeste. (SARDINHA, 2007, p.29)

Assim, apenas através da interação entre veículo e tópico seria possível estabelecer uma relação de similaridade resultando em um sentido para a expressão 'Julieta é o sol'. Essa similaridade não é real, mas é criada, através da interação, pelo efeito cognitivo da metáfora que vai selecionar algumas características do 'sol' em detrimento de outras para compor o perfil de 'Julieta'(VEREZA, 2007).

A teoria da interação foi precursora de uma teoria de base cognitivista que viria a ser formulada por George Lakoff e Mark L. Johnson no final da década de 1970 e divulgada em seu livro *Metaphors We Live*

*By*, de 1980, que foi posteriormente traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana* e publicado em 2002. Essa teoria representou uma mudança de paradigma, pois é através dela que a metáfora deixa de ter apenas o status de figura de linguagem e assume o status de figura de pensamento. Lakoff e Johnson (1980/2002), a partir da análise de expressões linguísticas, deduziram que o sistema conceptual que influencia nosso pensamento, a nossa atividade cotidiana e a maneira como nos comportamos; que estrutura o que percebemos; que influencia o modo como nos relacionamos com outras pessoas e que está implícito na linguagem é em grande parte metafórico. Ou seja, compreendemos, experienciamos e falamos sobre as coisas em termos de outras. Falamos, agimos e experienciamos metaforicamente, pois nossos pensamentos são estruturados metaforicamente. O pensamento faz parte de nosso cotidiano, logo a metáfora também o faz revelando-se um recurso fundamentalmente cognitivo. Essa visão revela que a metáfora está primeiramente em nossa mente e se manifesta através da linguagem. Nesse sentido, a crença de que a linguagem convencional é essencialmente literal não é exata. Esses autores acreditam que a linguagem cotidiana é predominantemente metafórica.

A visão da metáfora como um poderoso recurso do sistema conceptual e não só como ornamento linguístico já tinha sido sugerida por antropologistas. A novidade em Lakoff e Johnson é que eles foram os primeiros a abordarem a metáfora a partir dessa visão conceptual "(...) de forma sistemática, generalizável, e experimentalmente testável<sup>8</sup>" (KOVECSES, 2005, p.9).

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002) parte do princípio que "a linguagem é secundária, pois (esta) é apenas uma manifestação do pensamento" (SARDINHA, 2007). A linguagem, embora

---

<sup>8</sup> Tradução feita por mim. Original: "They (Lakoff & Johnson) were the first to claim it in a systematic, generalizable, and experimentally testable way" (KOVECSES, 2005, p.9).

secundária, é uma fonte de evidências muito importante do sistema conceptual, pois, normalmente, não temos consciência desse sistema. “Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem” (SARDINHA, 2002, p. 46). É a linguagem que legitima a metáfora conceptual e seus mapeamentos.

Dizer que a metáfora manifesta-se inconscientemente significa dizer que ela não depende da vontade do indivíduo. Ou seja, a metáfora conceptual não é normalmente criada por um indivíduo. Ela é convencional; ou seja, criada e compartilhada em sociedade e utilizada em nossa vida cotidiana com o objetivo de dar sentido à experiência outrora corporificada.

Na visão de Kovecses (2005), a abordagem sistematizada da metáfora que sugere não só sua natureza linguística e conceptual, mas também corporificada, foi um outro importante passo na teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1985/2002). A hipótese da corporificação trata-se de todas as impressões registradas pelo corpo enquanto estamos engajados em uma determinada atividade. Por exemplo, quando temos uma doença grave ou quando morremos, somos forçados a ficar deitados. Essa experiência com o corpo é a base física que origina a metáfora conceptual SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA: DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO. Essa metáfora conceptual licencia expressões linguísticas metafóricas do tipo “Ele **caiu** doente, a gripe o **derrubou**, Ele está no **auge** de sua forma física, Ele **caiu** morto”, etc. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 61, grifo do autor). Essas ideias foram seguidas e refinadas posteriormente por Joe Grady em sua noção de metáfora primária. “A ideia principal é que o pensamento abstrato, em grande parte metafórico, é o resultado de como o corpo humano confina o

modo que nós pensamos sobre abstrações como tempo, sentimento, moral e política”<sup>9</sup> (KOVECSES, 2005, p. 9).

Na visão da teoria conceptual da metáfora, a metáfora se caracteriza como meio econômico de convencionalmente e de forma inconsciente expressar ou conceptualizar uma grande quantidade de informação ou domínio de experiência em termos de outro. Por exemplo, ‘dinheiro’ é facilmente conceptualizado devido a sua natureza concreta. Podemos sentir, tocar e experimentar mais concretamente/materialmente as consequências de ter ou não dinheiro. Por outro lado, é difícil de ser falar de tempo sem recorrer a outros domínios. Já que o tempo não é concreto, temos que falar dele através de nossas impressões e experiências mais concretas de outros domínios. Atualmente, as pessoas que vivem em um país capitalista têm as horas de seu dia comercializadas. Essa relação de dinheiro x tempo é uma prática que já se tornou convencionalizada, ou seja, faz parte de nosso inconsciente. Paga-se por hora/aula ou por 40 horas semanais. O ócio, que se configuraria pela não comercialização do tempo, é muitas vezes visto pejorativamente como ‘desperdício’. Assim, a cultura ocidental convencionou falar de tempo em termos de dinheiro, dando origem à metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO.

Nesse sentido, as metáforas conceptuais consistem em dois domínios em que o domínio mais abstrato (A), é entendido em termos de outro domínio mais concreto (B). Em TEMPO É DINHEIRO, DINHEIRO é o domínio fonte e TEMPO é o domínio alvo. O domínio fonte é mais concreto em relação ao domínio alvo e por isso DINHEIRO é mais claramente delineado em nossa experiência. É esse domínio que norteará o sentido do domínio alvo TEMPO. Ocorre que há uma tentativa de se entender a experiência do domínio alvo através da experiência do domínio fonte. Essa

---

<sup>9</sup>Tradução feita por mim. Original: “The main idea in all this work was that abstract thought, largely defined by metaphor, is the result of the way the human body constrains the way we think about abstractions such as time, emotion, morality, and politics” (KOVECSES, 2005, p. 9).

relação entre domínios se estabelece através de uma correspondência sistemática de elementos conceptuais entre o domínio fonte e o domínio alvo. Esse processo é conhecido na teoria conceptual da metáfora como mapeamento. Vejamos, por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É VIAGEM. Kovecses (2002, p. 7) sugere o seguinte mapeamento:

<i>Fonte: VIAGEM</i>	<i>Alvo: AMOR</i>
<i>Os viajantes</i>	<i>os amantes</i>
<i>O veículo/transporte</i>	<i>a relação amorosa em si</i>
<i>A jornada/a viagem</i>	<i>os eventos da relação</i>
<i>A distância percorrida</i>	<i>o progresso conquistado</i>
<i>Os obstáculos encontrados</i>	<i>as dificuldades</i>
<i>experienciadas</i>	
<i>Decisões quanto a qual caminho seguir</i>	<i>decisões em relação</i>
<i>ao que fazer</i>	
<i>O destino da viagem</i>	<i>os objetivos da relação</i>

Dessa forma, quando dizemos “Veja a que ponto chegamos”, a expressão “a que ponto chegamos” significa, literalmente, o destino da viagem. A palavra ‘nós’ que está oculta refere-se aos viajantes. Porém, quando ouvimos essa frase dentro de um contexto de uma relação amorosa, a frase é interpretada apropriadamente e metaforicamente dentro desse contexto em que viajantes dá lugar aos amantes, e, nesse sentido, “nós” passa a se referir aos amantes. São esses mapeamentos que caracterizam a metáfora conceptual segundo Kovecses (2002). E o mais surpreendente é que é difícil falarmos de amor em outros termos. Isso significa, segundo Kovecses (2002), que dificilmente amor é conceptualizado independentemente do domínio de viagem. Em nossa cultura, falamos de amor em termos de viagem, porém esse mapeamento não é consciente.

As metáforas conceptuais realizam-se através de expressões metafóricas. Dizemos que as expressões linguísticas metafóricas são licenciadas por uma metáfora exemplar. Por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM se realiza em diferentes expressões



linguísticas metafóricas: “veja **a que ponto chegamos**; esta relação é **um beco sem saída**; não podemos **voltar atrás agora**. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 104, grifo do autor).

A questão que diz respeito à justificativa do porquê escolhermos determinadas metáforas conceptuais em detrimento de outras para conceptualizarmos domínios mais abstratos está ligada, segundo Gibbs (1999), à nossa experiência corporificada. Por exemplo, em AMOR É UMA VIAGEM, a experiência de viagem é muito concreta e muitas vezes vivenciada no nosso dia a dia quando nos deslocamos em um veículo. Sempre temos um ponto de partida e um ponto de chegada, um destino, porém, às vezes, podemos nos perder e nos encontrarmos em um beco sem saída; para nos encontrarmos novamente temos que voltar todo o caminho percorrido. Segundo Gibbs (1999), citando Johnson, “essas diversas experiências corporais, levam ao desenvolvimento de uma *gestalt* experiencial, chamado esquema imagético<sup>10</sup>” (GIBBS, 1999, p. 147). Esse *esquema imagético*, baseado em diversas dimensões de nossa experiência, contribui para o entendimento do conceito de domínios mais abstratos quando elaboradas metaforicamente.

Um outro fator importante são os desdobramentos ou inferências (*entailments*) que partem da metáfora conceptual. No caso de AMOR É UM VIAGEM, por exemplo, podemos inferir que se “uma viagem é longa e cansativa, então um casal que vive junto há muitos anos pode cansar do relacionamento”. (SARDINHA, 2007, p. 32)

É importante definir, também, a metonímia já que a literatura que trata da teoria da metáfora conceptual procura sempre deixar marcada a diferença entre metáfora e metonímia. Enquanto a metáfora se caracteriza por uma relação de similaridade criada entre entidades conceitualmente díspares (por exemplo, TEMPO É DINHEIRO), a

---

<sup>10</sup> Tradução feita por mim. Original \_ “These various, occurring bodily experiences give rise to the development of an experiential gestalt, called an image schema, for containment.” (GIBBS, 1999).

metonímia caracteriza-se por já existir uma relação de proximidade entre as partes. Por exemplo, quando a garçonete diz: “O hambúrguer quer um refrigerante diet”, o termo ‘hambúrguer’ é utilizado para representar o freguês que pediu o hambúrguer e não aquele outro freguês que pediu o cachorro quente. Essa é uma relação do PEDIDO PELO FREGUÊS. Aqui não há a comparação de dois domínios diferentes como ocorre na metáfora, mas a comparação de dois aspectos de um mesmo domínio/área de conhecimento.

As metáforas conceptuais podem ser classificadas em *metáfora orientacional, ontológica, primária e estrutural*. A *metáfora orientacional* é aquela que tem base em nossa experiência cultural e física em relação à orientação espacial (e.g. para cima- para baixo, dentro – fora, frente – trás, etc.) e, por isso, não são arbitrárias. Os conceitos podem ser experienciados diferentemente em outras culturas. Por exemplo, na nossa cultura é muito frequente o uso da metáfora conceptual MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO. Porém, na cultura monástica onde o mais virtuoso é aquele que tem menos, MENOS É PARA CIMA e MAIS É PARA BAIXO. A *metáfora ontológica* ocorre quando atividades, emoções, ideias e outros conceitos abstratos são concebidos como entidades e substâncias. Segundo Vereza (2007), seria a coisificação do mundo abstrato. Por exemplo, a seguinte expressão metafórica *Inflação devora a indexação dos salários*<sup>11</sup> é licenciada pela metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE.

Nesses casos, conceber a inflação como uma entidade permite referir-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, até mesmo acreditar que nós a compreendemos. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.77)

---

<sup>11</sup>Disponível em:  
<[http://www.bomdia.lu/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1056&Itemid=76](http://www.bomdia.lu/index.php?option=com_content&task=view&id=1056&Itemid=76)>. Acesso em: 24 jul 2009.

Já a metáfora estrutural ocorre quando um domínio é mapeado (ou estruturado) em termos de outro domínio. Em outras palavras, um conceito é estruturado em termos de outro. É a metáfora estrutural a responsável pela estruturação de nosso sistema conceptual (estruturam nosso modo de perceber, agir e pensar). Segundo os autores,

As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referirmo-nos a ele, quantificá-los etc., como fazemos com simples metáforas ontológicas e orientacionais; somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.133)

E por fim, a *metáfora primária* é motivada por aspectos físicos do corpo, associada, geralmente, a emoções e sentimentos. Por exemplo, AFEIÇÃO É CALOR, INTIMIDADE É PROXIMIDADE.

A teoria da metáfora conceptual fundamenta muitas pesquisas até os dias atuais. Lakoff e Johnson (1980/2002) além de sugerir que as metáforas conceptuais estão em nossa mente e não apenas na linguagem, também sinalizou as implicações culturais em muitas metáforas conceptuais. Dizer que as metáforas conceptuais são culturais significa que elas podem refletir como um determinado grupo experiencia e vê o mundo.

Mais recentemente, as relações entre a cultura e metáfora vêm sendo gradativamente consideradas teoricamente. Gibbs (1999), por exemplo, aposta na importância do fator cultural como motivador do pensar metafórico. “Ele (Gibbs) acredita ser a metáfora uma propriedade emergente das interações do indivíduo com o mundo, e não das mentes individuais (...) a cognição emerge e é continuamente revivenciada, quando o indivíduo interage com o mundo cultural” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 32). Além disso, as metáforas conceptuais serviriam para

diminuir o trabalho mental no uso diário do pensamento e da linguagem; isso significa que partes do mundo cultural constituem partes importantes do pensamento e linguagem metafóricos. Nesse sentido, para Gibbs (1999), não haveria necessidade de estabelecer uma distinção muito rígida entre a metáfora conceptual e a cultural.

Somente a partir de Kovecses (2005), foi atribuída maior importância à cultura dentro dos estudos da metáfora. Em sua visão, a metáfora é um fenômeno "(...) que envolve não só a linguagem, mas também o sistema conceptual, assim como a estrutura sociocultural e atividades corporais e neurais<sup>12</sup>" (KOVECSES, 2005, p. 9). Segundo Kovecses (2005), metáfora pode estar relacionada à cultura na literatura, conforme aprendemos nos bancos escolares. Porém, não é essa relação discutida pelo autor. Sua abordagem central parte de pressupostos da antropologia que considera a cultura um conjunto de crenças/conhecimentos compartilhados e que caracterizam um determinado grupo. Esses conhecimentos, além de peculiares de uma determinada cultura, podem realizar-se metaforicamente. O fato das metáforas conceptuais se caracterizarem como um meio de se expressar conhecimentos e conceitos, que podem variar de cultura para cultura, levou Kovecses a sugerir que há tanto universalidade quanto variação nas metáforas. Um exemplo de universalidade seria a metáfora conceptual PROXIMIDADE É INTIMIDADE. Desde crianças, as pessoas mais próximas fisicamente, que nos rodeiam mais frequentemente, são as pessoas que nos conhecem mais intimamente. Por isso é comum dizer "Vejam como eles são próximos", significando não só a proximidade física, mas homologando tudo aquilo que está incluído no conceito do termo *intimidade*. Já variação consiste na manifestação de uma metáfora diferente da universal para expressar um determinado conceito alvo. Kovecses (2005) exemplifica a ocorrência da

---

<sup>12</sup> Tradução de minha autoria. Texto original "(...) metaphor is a many sized phenomenon that involves not only language, but also the conceptual system, as well as social-cultural structure and neural and bodily activity." (KOVECSES, 2005, p. 9)

variação citando como o amor pode ser igualmente conceituado em diversas culturas como viagem, incluindo a cultura chinesa. Porém, alguns dialetos chineses falam de amor em termos de 'pipa empinada'<sup>13</sup>. Outro exemplo, fala-se comumente da vida em termos de 'viagem', mas em Hmong (língua falada principalmente no Laos e na Tailândia) a VIDA É CORDA FINA/BARBANTE<sup>14</sup>.

Nesse sentido, Kovecses (2005) afirma que a variação metafórica pode ocorrer não só entre culturas diversas como também em subculturas. Tal constatação foi ignorada por linguistas cognitivistas, o que levou Kovecses (2005) a sugerir uma atualização da teoria linguística cognitivista da metáfora para que essa dê conta das variações metafóricas. A teoria linguística cognitivista da metáfora sugere que existem muitas metáforas primárias (e.g. AFEIÇÃO É CALOR, PROGRESSO É MOVIMENTO PARA FRENTE, DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS, entre outras) que são combinadas para formar metáforas mais complexas (e.g. A VIDA É UMA VIAGEM, O AMOR É UMA VIAGEM). As metáforas primárias, por serem motivadas pelas experiências universais do corpo (ex. calor, frio, dor, etc.) teriam maiores chances de serem universais do que as complexas. A novidade na teoria proposta por Kovecses (2005) é que a cultura exerceria grande influência no processo de formação das metáforas complexas. Nesse sentido, se existem culturas radicalmente diferentes há uma grande possibilidade de as metáforas complexas variarem.

À teoria *standard* cognitivista da metáfora conceptual foram sugeridas algumas modificações após análise de dados pelo autor. Primeiramente, Kovecses (2005) considera tanto a metáfora primária quanto a metáfora complexa importante no sentido cognitivo e cultural, respectivamente. Porém, segundo o autor, "São as metáforas complexas,

---

<sup>13</sup> Termo original em inglês LOVE IS A FLYING KITE. (KOVECSES, 2005)

<sup>14</sup> Termo original em inglês STRING. (KOVECSES, 2005)

- não as primárias – que as pessoas utilizam para engajarem seus pensamentos em eventos culturais reais. De alguma forma, as metáforas primárias são ‘sem vida’ em comparação às metáforas complexas carregadas de influência cultural <sup>15</sup>” (KOVECSES, 2005, p. 11).

A segunda modificação seria a visão de que há um significado/tema no domínio fonte que prevalece (*a major theme or themes*) que representa o conhecimento básico e central desse domínio. Esse conhecimento central é estabelecido dentro da comunidade pelos falantes da língua. Essa noção do ‘significado focal’ ou ‘tema principal’<sup>16</sup> é a forma que Kovecses (2005) encontrou para falar das coisas que a noção de metáfora primária pode explicar, porém essa nova visão permite abordar o domínio fonte como associado a ideias básicas que são convencionalizadas dentro de uma comunidade de falantes. Nesse sentido, a ideia de ‘tema principal’ mostra uma perspectiva primordialmente cultural do domínio fonte. Com essa visão, as metáforas primárias não perdem seu valor, ao contrário, elas e a abordagem do ‘tema principal’ constituiriam os dois lados de uma mesma moeda. Essa nova abordagem das metáforas conceptuais, que parte do princípio do ‘tema principal’, apenas daria conta de explicar de forma mais pontual um evento observado. Kovecses (2005) cita o exemplo da metáfora primária DESEJO SEXUAL É CALOR. O mapeamento que caracteriza essa metáfora deveria ser universal, segundo definições da metáfora primária. Porém, há línguas como Chagga em que isso não ocorre, já que nessa cultura ‘calor’ não é mapeado em termos de desejo sexual, mas em termos das qualidades desejáveis de uma parceira do sexo feminino. Assim, foi observado que “a noção de foco principal do significado é mais

---

<sup>15</sup> Tradução feita por mim. Original: It is complex metaphors – not primary metaphors – with which people actually engage in their thought in real cultural contexts. In a way, primary metaphors often look ‘lifeless’ in comparison to culturally embedded complex ones (KOVECSES, 2005, p. 11).

<sup>16</sup> *main meaning focus* ou *major theme*.

'culturalmente sensível' que a de metáfora primária<sup>17</sup>" (KOVECSES, 2005, p. 12).

Uma característica singular do pensamento metafórico, segundo Kovecses (2005, p. 27), é que existem várias formas de se definir ou caracterizar os conceitos mais básicos do domínio alvo. Essas metáforas conceituais primárias podem se juntar e dar origem a metáforas mais complexas. Por exemplo, a expressão metafórica complexa RAIVA/ÓDIO É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTAINER (ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER). O container seria o corpo humano, o líquido quente é a raiva/ódio, o grau de calor do líquido é a intensidade da raiva. Nesse sentido, quanto mais raiva a pessoa tiver, mais calor e pressão esse líquido terá e conseqüentemente maior velocidade. Uma pessoa pode chegar a *explodir* de raiva. O mapeamento básico seguido de uma experiência esquemática (*schemata experience*) nos leva a concluir que a metáfora complexa, RAIVA/ÓDIO É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTAINER, provém da junção das seguintes metáforas primárias: INTENSIDADE É CALOR (Houve um debate *caloroso* sobre a questão / There was *heated* debate about the issue); INTENSIDADE É QUANTIDADE (ex. Eu me preocupo *muito* com você / I care *a lot* about you); INTENSIDADE É VELOCIDADE (ex. *rápido* crescimento econômico / *sudden* growth in the economy). "Esse exemplo mostra muito claramente que metáforas complexas são baseadas em metáforas simples que, por sua vez, são baseadas na correlação de experiências locais<sup>18</sup>" (KOVECSES, 2005, p. 28).

Uma outra observação de Kovecses (2005) consiste na possibilidade de se encontrar expressões metafóricas que entrem em conflito com o conceito convencionalizado através da experiência corporificada. Além

---

<sup>17</sup> In other words, the notion of main meaning focus seems to be more "culture-sensitive" than that of primary metaphor". (KOVECSES, 2005, p. 12)

<sup>18</sup> This situation shows very clearly that complex metaphors are based on simple ones, which are in turn based on tight, local correlations in experience".

disso, o fato de existirem metáforas universais não significa que serão encontradas em todas as línguas.

Em *Variação na metáfora*<sup>19</sup>, Kovecses (2007) enfoca, em sua discussão, as diversas formas de variação metafórica que ocorrem entre culturas e em subculturas. Entre culturas, essas diversas formas de variação metafórica consistem em congruência, na manifestação de metáforas conceptuais peculiares de uma determinada cultura, no uso de diversos domínios fonte para um determinado domínio alvo, no uso de um determinado domínio fonte para conceptualizar diversos domínios alvos. Além do caso de, por exemplo, embora duas línguas utilizarem os mesmos domínios fonte para conceptualizar um domínio alvo, uma das culturas manifesta preferência por um determinado domínio fonte em detrimento dos outros domínios.

Já as variações dentro de culturas (ou em subculturas) ocorrem mais especificamente na dimensão social (entre gêneros, ocupação social, faixa-etária etc.), regional, étnica, estilo, subcultural, diacrônica e individual.

Todos os componentes da metáfora estão envolvidos na variação metafórica. Segundo a visão linguístico-cognitiva esses componentes são: a base experiencial, o domínio fonte, o domínio alvo, a relação entre a fonte e o alvo, a expressão metafórica, os mapeamentos, as inferências, as combinações que resultam em informação nova (*blend*), a realização não linguística (“... ou seja, as metáforas conceptuais não só se materializam na linguagem e no pensamento, elas também se materializam na realidade social”<sup>20</sup>) e os modelos culturais.

As metáforas variam, segundo Kovecses (2007), devido às nossas diferentes experiências como seres humanos e diferentes processos cognitivos na formação de conceitos abstratos. Como seres humanos

---

<sup>19</sup> Variation in metaphor

<sup>20</sup> Conceptual metaphors often materialize in nonlinguistic ways, that is, not only in language and thought but also in social reality”. (KOVECSES, 2007, p.25)



nossas experiências podem divergir em níveis contextual, social e (história) pessoal.

A discussão do papel da cultura na realização das metáforas conceptuais é muito mais ampla. Porém, para a presente pesquisa me limitarei às discussões já propostas, pois serão esses princípios que orientarão a análise dos dados coletados.

## 2 Um adendo sobre a velhice na contemporaneidade

Muitas pesquisas nos campos das Ciências Sociais e Psicologia (BAUMAN, 1998; PITANGA, 2006; COUTO & GOELLNER, 2007; MAIA, 2008) revelam uma sociedade brasileira entregue ao hábito de dar atenção ao corpo de forma muitas vezes exagerada. Procura-se atingir um padrão ideal de beleza, forma e vigor que muitas vezes não são possíveis devido às limitações naturais que a idade impõe. Maia (2008), em seu artigo *Corpo e velhice na contemporaneidade*, inspirado – segundo suas próprias palavras - na “inegável atenção dada ao corpo na sociedade”, afirma que

A velhice e a inexorabilidade da morte apresentam-se para este ideal (de beleza, forma e vigor) como incômodos que devem ser afastados através de diversos hábitos “saudáveis” e “rejuvenescedores”, como a ginástica, os cosméticos, as vitaminas, procedimentos estético-cirúrgicos, entre outros. (MAIA, 2008, p.704)

Em *O mal-estar na velhice como construção social*, Santos e Damico (2009) discutem o corpo como construção social somente compreendido na cultura que o produziu. Tendo como referência o que o Michael Foucault denomina biopolítica, acredita-se que

(...) parte do projeto contemporâneo de saúde integra o exercício do bio-poder, porque envolve disciplinamento e aprendizagem de normas de comportamento cujo objetivo é

promover um determinado tipo de saúde, definido como a "boa saúde", para um conjunto de indivíduos que constituem um grupo ou uma população. Isso ocorre por meio de processos educativos diversos que prescrevem ou sugerem a adoção de determinados hábitos, capacidades e comportamentos apresentados como adequados para atingir uma vida saudável. (SANTOS; DAMICO, 2009)<sup>21</sup>

Nesse artigo, há um entendimento de que a ditadura do culto ao corpo é mais uma forma de controle social sobre os indivíduos. O 'envelhecer' adquire uma nova 'roupagem' associado a novos estilos de vida. Nesse sentido, há uma recodificação do ser velho na sociedade contemporânea a partir de um pressuposto de que só é velho quem deseja ser. A busca pela sonhada jovialidade e vigor torna-se uma meta e aqueles que não se engajam nessa busca acabam por serem considerados ultrapassados, estranhos e deslocados na sociedade. Maia (2008) afirma que

Esse fato abre espaço para a proliferação de estratégias de combate à deterioração e decadência do corpo, que enfatizam a prevenção ao envelhecimento uma tentativa de retardá-lo ou, até mesmo, evitá-lo. A juventude aparece, deste modo, não mais como uma categoria específica, mas como um estilo de vida, que deve ser perseguido pelos indivíduos de diferentes idades. (MAIA, 2008, p.706)

As imagens construídas em torno do envelhecimento, na atualidade, baseiam-se na associação da velhice com a decadência. Essas imagens são evidenciadas nos apelos da mídia que constantemente alimentam a contemporânea obsessão pelo corpo jovem e sem marcas da passagem do tempo. Em revistas semanais vendidas a preços mais populares (R\$ 1,49), voltadas para o público feminino, a estética, principalmente o

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/4439/4519>> (Acesso em: 20 jul 2009)

milagre do rejuvenescimento ou do corpo ideal, é assunto de toda semana. Mais recentemente, a revista *Veja*, edição nº 2121 de 15 de julho, dedicou uma reportagem especial, de 36 páginas, para tratar do que foi classificado de "Geração sem idade". Essa geração caracteriza-se por constituir-se de um grupo de pessoas que conseguiram 'parar de envelhecer', segundo critérios da própria reportagem. O sucesso dessa geração atribui-se ao comprometimento a uma luta permanente contra a inevitável velhice através da adoção de práticas diversas. Milhares de pessoas de todas as idades de todo mundo realizam cirurgias com o objetivo puramente estético. Isso pode significar que há uma relutância na sociedade atual em aceitar as mudanças que ocorrem em nosso corpo em consequência do tempo, da má alimentação e, até mesmo, da vida moderna.

É assim que o envelhecimento é experienciado na sociedade contemporânea: como um inimigo em potencial. Esse adversário implacável suscita uma tentativa de ataque e defesa e de fazer o possível e o impossível para que esse inimigo se renda. Acredito que esse comportamento dentro da sociedade em relação à velhice seja um desencadeador da construção de esquemas imagéticos ou *gestalt* experienciais baseadas na experiência corporificada do 'estar em guerra'. Essas experiências corporificadas dão origem às metáforas conceptuais que são evidenciadas através da manifestação das expressões metafóricas que estão presentes no discurso escrito e falado nas práticas sociais. A manifestação dessas expressões metafóricas homologa, por sua vez, as crenças de uma cultura, já que essas expressões são a evidência não só de como pensamos, mas, também, de como falamos, agimos e, principalmente, de como entendemos o envelhecimento dentro da nossa cultura.

### **3 Metodologia e análise de dados**

Nesta seção investiguei ocorrências de expressões linguísticas metafóricas presentes nas práticas sociais contemporâneas cujo tópico seja o envelhecimento e que são licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É INIMIGO. As expressões linguísticas metafóricas coletadas no presente estudo são apenas uma amostra de como a sociedade brasileira atual e a mídia incorporaram a ideia da velhice como um inimigo. O mapeamento dessas expressões contribui para ampliar nossa compreensão da importância de se entender o funcionamento de uma língua seja ela estrangeira ou materna. Acredito que quando compreendemos mais detalhadamente o funcionamento de uma língua nos tornamos mais competentes para organizarmos e expressarmos nossas ideias.

Segundo Viana (2010, p.26), quando nos expressamos em uma língua, seja ela materna ou estrangeira, recorreremos sempre às nossas intuições ou, se possível, ao falante nativo de uma língua para esclarecermos dúvidas quanto ao seu emprego. Embora a intuição seja um recurso muitas vezes utilizado, Viana (2010) defende uma abordagem empírica para compreendermos mais precisamente o emprego de uma expressão linguística ao afirmar que

(...) pode-se estudar o funcionamento de uma língua a partir de uma abordagem que privilegie o uso de dados. Em vez de recorrer ao conhecimento intuitivo, observa-se como a língua é utilizada por seus usuários. Nesse sentido, entende-se que 'a linguagem não pode ser inventada; ela só pode ser capturada' (SINCLAIR, 1997, p.31). Em outras palavras, para compreender a questão linguística é necessário basear o estudo em um alicerce empírico no qual os resultados advêm da observação de exemplos reais. (VANDER, 2010, p. 26).

Assim, o presente estudo examinou as metáforas utilizando a metodologia da linguística de *corpus*. Portanto, as expressões linguísticas aqui listadas são amostras autênticas da língua em uso, ou seja, do

discurso. Segundo Samino (2008, p. 1), o discurso se caracteriza pelo uso natural da língua: “exemplos reais de escrita e fala os quais são produzidos e interpretados em circunstâncias particulares e para objetivos específicos<sup>22</sup>”. Nesse sentido, amostras foram extraídas de revistas de publicação recente, de páginas da internet e de uma ferramenta de pesquisa online. As duas primeiras fontes de coleta de dados foram sugeridas por Sardinha (2007, p. 145) e é caracterizada por sua natureza manual, ou seja, esse procedimento é realizado sem a ajuda da informática. Porém, “(.,.) isso não significa que os textos precisem estar impressos ou manuscritos em papel. O analista pode perfeitamente ler o texto na tela do computador e usar recursos de um processador de texto para buscar palavras e anotar, copiar e colar as ocorrências de metáfora que encontrar” (SARDINHA, 2007, p. 145).

Já o último recurso de coleta de dados citados, a ferramenta de pesquisa online, vai ao encontro da ideia de que um *corpus* “assume a forma eletrônica com vistas a ser investigado pelo computador” (VIANA, 2010, p. 27). Nesse sentido, a metodologia empregada para as expressões linguísticas investigadas pelo recurso online em questão, primeiramente, digitar a palavra ‘velhice’ e coletar as unidades lexicais que evocam o *frame* de velhice. Posteriormente, cada expressão linguística foi investigada individualmente através do uso do sistema online empregado objetivando apurar o número de ocorrências e, conseqüentemente, a relevância atestada pela quantificação do uso de uma determinada expressão linguística relacionada à ideia de velhice. A quantificação inicial foi importante para que fosse possível selecionar expressões com maior número de ocorrência para o presente estudo. Acredito que, quanto maior o número de ocorrências maior a relevância para análise do corpus na presente pesquisa. A seleção de corpora a

---

<sup>22</sup> By discourse as the term is used in the title, I mean naturally occurring language use: real instances of writing or speech which are produced and interpreted in particular circumstance and for particular purposes.

partir da ideia de apenas analisar as expressões que tenham o maior número de ocorrências partiu do pressuposto de que, conforme Viana (2010), citando Bowker e Pearson (2002, p.45-46)

Infelizmente, não há regras consistentes e seguras que possam ser seguidas para determinar o tamanho ideal de um corpus. (...) Você pode descobrir que consegue obter mais informações úteis de um *corpus* que é pequeno, mas bem planejado, do que de um que é maior, mas não é personalizado para atender às suas necessidades (VIANA, 2010, p.29).

Conforme já mencionado, a constatação do número de ocorrências foi identificada através de uma ferramenta de pesquisa online. Essa ferramenta de pesquisa é utilizada por qualquer usuário de internet em busca de maiores informações sobre assuntos em geral. Nessa pesquisa, ela será adaptada como um banco de dados já que é possível extrair diversos exemplos autênticos da língua portuguesa em uso. De fato, ao digitar as expressões linguísticas, a ferramenta não só informa quanto ao número de ocorrências da mesma, como também relaciona o uso de tal expressão contextualizado.

Em seguida, após a quantificação, foi realizada uma análise qualitativa através da interpretação das unidades lexicais que evocam o *frame* de velhice. A seguir, há um detalhamento do progresso da segunda etapa da investigação.

### **3.1 Dos procedimentos para quantificação**

Para a presente análise, além da pesquisa/ coleta manual de dados em revistas e textos eletrônicos, foi utilizada uma ferramenta de pesquisa online. Primeiramente, foi digitada apenas a palavra 'velhice' objetivando fazer um levantamento de expressões que ocorrem com o termo. Não obtive sucesso inicialmente, pois as primeiras páginas do *Google*

buscaram textos com definições muito genéricas de velhice. Em seguida, digitei apenas 'rugas' que é um dos efeitos da velhice. A ferramenta *Google* listou, em vinte segundos, 876.000 ocorrências e logo na primeira página apareceram expressões do tipo: **prevenir** *rugas*, **estágios** *das rugas*, *Dicas* **contra** *as rugas*, *novo tratamento* **anti**-*rugas*, *oito passos para* **evitar** *as rugas*, *quem ainda não chegou na casa dos 'enta' já pode e deve pensar em se* **prevenir contra** *as ruguinhas e pés de galinha na região dos olhos*,  *você conhece a* **solução**  *para as rugas?* <sup>23</sup>. Esses exemplos sugerem a possibilidade de a experiência da velhice poder ser estruturada em termos de guerra. A seguir, com base nos dados sugeridos a partir das expressões encontradas com a pesquisa realizada com a palavra 'rugas', e expressões metafóricas encontradas nos textos lidos manualmente, busquei outras expressões metafóricas que seriam licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É INIMIGO. As expressões pesquisadas foram digitadas entre aspas para que a ferramenta buscasse apenas os casos em que as palavras ocorressem juntas<sup>24</sup>. Todas as páginas pesquisadas seguem abaixo.

**Tabela 1: Relação das ocorrências quantificadas através da ferramenta de pesquisa online.**

Fonte/ tempo de busca	Número de ocorrências	Exemplos
Fonte: Google <sup>25</sup> / 25 segundos de pesquisa	Ocorrências: <b>166.000</b> para 'combater a velhice'	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como <b>combater</b> a velhice.</li> <li>2. para <b>combater</b> a velhice.</li> <li>3. Deve-se <b>combater</b> a velhice por meio de exercícios físicos e de boa alimentação(...).</li> <li>4. (...) é necessário <b>combater</b> a velhice através de cremes rejuvenescedores.</li> </ol>

<sup>23</sup> <http://www.google.com/search?q=rugas&hl=en&lr=&start=0&sa=N>.

<sup>24</sup> Ao se fazer uma busca sem colocar aspas, o sistema vai buscar todos os casos em que as palavras ocorrem, porém não necessariamente juntas.

<sup>25</sup> Acesso em: 22 jul.2009

Fonte: Google <sup>26</sup> / 14 segundos de pesquisa	Ocorrências: <b>74.000</b> para 'vencer a velhice'	5. <i>Universidades seniores: como <b>vencer</b> a velhice.</i> 6. <i>Você acha que envelhecer é <b>vencer</b>?</i> 7. <i>Acredito que o negócio não é <b>vencer</b> a velhice, pois é impossível, mas não se <b>entregar</b> a Ela (...)</i>
Fonte: Google / 28 segundos de pesquisa	Ocorrências: <b>17.200</b> para 'a velhice é um massacre'	8. <i>A velhice é um <b>grande massacre</b>.</i> 9. <i>A velhice não é uma <b>batalha</b>; a velhice é um <b>massacre (...)</b></i>
Fonte: Google / 19 segundos de pesquisa	Ocorrências: <b>7.190</b> para 'contra a velhice'	10. (...) vacinar <b>contra</b> a velhice. (a velhice é um vírus, logo, é um inimigo). 11. <b>Batalha contra</b> a velhice. 12. <b>Luta contra</b> a velhice. 13. <b>Ataque contra</b> a velhice. 14. (...) um escudo e defesa <b>contra</b> a velhice.

Uma análise do corpus acima relacionado revela que há um maior número de ocorrências para a expressão linguística "combate à velhice". Ademais, os exemplos subsequentes ratificam o estado de guerra contra a velhice em que se encontra a sociedade, já que as expressões lexicais encontradas pertencem a um mesmo grupo lexical: combate, vencer, entregar-se, contra, batalha, luta, ataque e massacre.

### 3.2 Outras expressões metafóricas licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É INIMIGO

---

<sup>26</sup>

<http://www.google.com/search?hl=en&lr=&q=%22combater+a+velhice%22&btnG=Search&aq=f&oq=&aqi=> Acesso em: 22 jul. 2009.



Conforme já comentado, a coleta também foi realizada manualmente de textos impressos e eletrônicos. Abaixo seguem outras ocorrências identificadas.

**Tabela 2: Relação das ocorrências identificadas manualmente em textos impressos e eletrônicos.**

Fonte	Exemplos
Artigo: Elastinol no <b>combate</b> à velhice <sup>27</sup>	<p>15. <i>A cada dia novas tecnologias parecem <b>salvar</b> homens e mulheres vaidosos que querem – a todo custo – <b>retardar</b> os <b>efeitos nocivos</b> da <b>implacável</b> velhice.</i></p> <p>16. <i>Um dos mais <b>revolucionários produtos</b> destinados ao tratamento dos sinais de envelhecimento da pele, o elastinol, é fruto de investimento científico nacional.</i></p> <p>17. <i>Um dos resultados mais imediatos do tratamento com o elastinol é tornar a pele mais firme e redensificada, resultando em um potente produto <b>anti-rugas</b>.</i></p> <p>18. <i>A pele fica mais elástica, <b>mais protegida e resistente</b>.</i></p> <p>19. <i>A linha Chronos incorporou talasferas (...) que <b>protegem</b> as vitaminas mais puras (...) da epiderme.</i></p>
Texto: Mente na terceira idade <sup>28</sup>	<p>20. <i>Para o alcance de uma velhice bem-sucedida é muito importante <b>tomar</b> algumas <b>medidas preventivas</b> e <b>munir-se</b> de informações sobre essa etapa da vida. (extraído do texto Solidão na velhice: refúgios e silêncios dentro de si)</i></p>
Propaganda de produtos de beleza <sup>29</sup>	<p>21. <i>Novo Natura Chronos Multi <b>Proteção</b>.</i></p> <p>22. <i><b>Bloqueio</b> dos radicais livres.</i></p>
Extraído de um blog <sup>30</sup>	<p>23. <i>(...) a velhice <b>impede</b> que entre mais coisa, a porta vai fechando, atrofiando (...).</i></p>

<sup>27</sup> Fonte: [http://cyberdiet.terra.com.br/cyberdiet/colunas/031017\\_bel\\_elastinol.htm](http://cyberdiet.terra.com.br/cyberdiet/colunas/031017_bel_elastinol.htm) (Acesso em: 22 jul 2009)

<sup>28</sup> Elisandra Villela Gasparetto Sé é Fonoaudióloga, Mestre em Gerontologia - UNICAMP, Doutoranda em Linguística - UNICAMP, Membro do Ambulatório de Neuropsiquiatria e Saúde Mental do Idoso do HC-UNICAMP e Co-autora do livro "Exercite sua Mente. Ela escreve para a coluna *Mente na Terceira Idade* no site <http://www2.uol.com.br/vyaestelar> (Acesso em: 22 jul 2009)

<sup>29</sup> Fonte: Revista Veja, editora Abril, edição 2121 – ano 42 – nº28 de 15 de julho de 2009, pág.: 66-67.

<p>Texto: <b>Aliados na prevenção e no combate aos sinais do tempo</b><sup>31</sup></p>	<p>24. Não é possível parar o tempo ou <b>impedir</b> que o nosso organismo envelheça.</p> <p>25. A cada dia surgem cosméticos mais eficientes, capazes não só de <b>prevenir</b>, mas também de amenizar os efeitos do tempo sobre a pele (...).</p> <p>26. Para pessoas com pele clara, o FPS 15 dos cosméticos não oferece <b>proteção</b> suficiente.</p> <p>27. O uso de cosméticos <b>antiidade</b> ou <b>anti-sinais</b> pode ser iniciado aos 25 anos de idade, fase em que o metabolismo fica mais lento.</p>
<p>Texto eletrônico<sup>32</sup>: Namoro na terceira idade.</p>	<p>28. Não se pode <b>eliminar</b> a velhice, mas se pode mudar a maneira de envelhecer.</p> <p>29. Com o passar dos anos, as pessoas tendem a querer ficar juntas como forma de <b>proteção</b>, pois percebem que ficar sozinhas gera tristeza e que demonstrações de carinho não são uma "<b>fraqueza</b>".</p> <p>30. (...) é preciso que o casal idoso estabeleça <b>estratégias de enfrentamento</b>, nas quais a serenidade e o amor sejam partilhados.</p> <p>31. Algumas <b>atitudes adotadas estrategicamente</b> pelos idosos ao iniciarem um relacionamento afetivo funcionam como medida facilitadora da entrada dessa nova pessoa no seio da família.</p> <p>32. Saber encarar com maturidade e tranquilidade as mudanças que ocorrem nesse novo momento é a <b>conquista satisfatória</b> nessa fase da vida.</p>
<p>Artigo da revista Veja<sup>33</sup></p>	<p>33. O <b>desafio</b> é fazer com que esses anos a mais sejam vividos com saúde e alegria.(pag. 68)</p> <p>34. Embora seja impossível <b>deter a marcha</b> do calendário, nos últimos 100 anos a medicina <b>deu passos largos</b> no sentido de <b>retardar</b> processos ligados ao envelhecimento.(pag. 68)</p> <p>35. Agora, está em curso um novo e <b>revolucionário</b> capítulo da ciência d longevidade.(pag. 68)</p> <p>36. Os estudos que identificaram esses fatores</p>

<sup>30</sup> <http://coisasqueescrevi.blogspot.com/2009/05/pimp-my-mind.html> (Acesso em: 22 jul 2009)

<sup>31</sup> <http://www.maisquebeleza.kit.net/env-prod.htm>

<sup>32</sup> <http://www.iecbr.com.br/jornal-ler.asp?id=119> (Acesso em: 22 jul 2009)

<sup>33</sup> Fonte: Revista Veja, editora Abril, edição 2121 – ano 42 – nº28 de 15 de julho de 2009, pág.: 66-67

	<p>como <b>inimigos</b> da juventude do organismo marcaram o começo de uma <b>revolução</b> que ainda está em curso na medicina e não tem data para <b>acabar</b>. (pag.72)</p>
--	---

A partir dos dados levantados é possível observar como a experiência da velhice pode ser parcialmente conceptualizada em termos de guerra, principalmente nas propagandas de cosméticos. E tal observação vem da nossa experiência de como lidamos com o inimigo: estamos sempre em estado de guerra. Nos exemplos anteriores, verificamos que, ao conceito de velhice, foram adicionadas as seguintes dimensões do conceito de guerra (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.157-158):

- *Participantes*: os tipos de participantes são pessoas ou grupo de pessoas. Elas desempenham papel de adversário. Aqui houve um processo de personificação da velhice, a velhice se tornou um adversário.
- *Partes*: planejamento de estratégias / ataque / combate / massacre / luta / proteção / resistência / medidas preventivas / munição / prevenção / conquista / impasse
- *Estágios*:

Condições iniciais: Participantes têm diferentes posições. Pelo menos um deseja que o outro se renda. Cada participante assume que pode defender sua posição.

No caso da velhice, pode-se tentar retardar os seus efeitos nocivos, mas ela é um adversário implacável.

Início: Um adversário ataca (a velhice chega)

Meio: combinação de defesa/de manobra

Fim: ou trégua, ou impasse ou rendição / vitória

- *Causalidade*: ataque resulta em defesa, ou recuo, ou fim.
- *Propósito*: Vitória

Essas dimensões nos orientam no sentido de perceber como a velhice é experienciada, parcialmente, em termos de guerra na sociedade

contemporânea. Segundo Lakoff e Johnson (2002), os estágios, os objetivos, os participantes etc., são algumas das várias dimensões de nossa experiência. “Classificamos nossa experiência nesses termos. E vemos coerência em experiências diversas quando conseguimos categorizá-las em termos de *gestalts* (ou esquemas) com, pelo menos, essas dimensões” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.159).

Conforme já aludido na presente pesquisa, as metáforas conceptuais consistem em dois domínios: um domínio mais abstrato (alvo) e outro mais concreto em relação ao domínio alvo (fonte) (Kovecses, 2002). Na expressão linguística metafórica VELHICE É INIMIGO, entende-se que ocorre uma tentativa de entender a experiência do domínio alvo VELHICE através da experiência do domínio fonte INIMIGO. Acredito que a partir da relação entre esses domínios e do corpus relacionados anteriormente nas tabelas 1 e 2 é possível sugerir o seguinte mapeamento:

Fonte: INIMIGO<sup>34</sup>

Alvo: VELHICE

Proteger do inimigo	Pele mais jovem
Resistente ao inimigo	Pele mais jovem / firme
Salvar (do inimigo)	Não envelhecer
Retardar	Postergar a velhice
(Produtos) revolucionários	Produtos que promovem uma mudança radical
Medidas preventivas / munir-se	Se preparar para velhice
Bloqueio / impedir	Não permitir que a velhice surja
Efeitos nocivos	Faz mal
Atitudes adotadas estrategicamente	Das medidas preventivas
Desafio	Não é fácil
Deter a marcha	Deixar de envelhecer
Inimigo da juventude	Velhice
Revolução	Mudança radical
Não se entregar (ao inimigo)	Não permitir a velhice
Combater, luta/ataque contra	Reagir de forma violenta

<sup>34</sup> Todas as expressões do domínio fonte INIMIGO foram extraídas do corpus acima relacionado.

Vencer	Ser sempre jovem, nunca envelhecer
Massacre	Os efeitos negativos da velhice

Assim, quando dizemos “Precisamos nos proteger”, a expressão significa literalmente que existe uma ameaça contra nossa integridade. Essa ameaça é um inimigo e por isso é preciso tomar atitudes para nos preservarmos. Porém, se ouvimos essa frase dentro de um contexto de propaganda de cosméticos como, por exemplo, “A pele fica mais protegida e resistente”, o vocábulo é interpretado metaforicamente dentro do contexto de velhice, em que é possível observar o papel de inimigo incorporado pela ideia de velhice na sociedade contemporânea. É assim, então, que podemos também observar a necessidade que temos de falarmos de velhice em outros termos para que tenhamos sucesso em expressar mais precisamente como a velhice é por nós experienciada.

É importante também observar o tema principal do domínio fonte (Kovecses, 2005). Se, conforme sugere Kovecses (2005), o conhecimento central é estabelecido dentro da comunidade pelos falantes da língua, através de ideias convencionalizadas que surgem a partir de como essa comunidade experiencia e vê o mundo, é possível observar que, na nossa cultura, o inimigo é experienciado como uma ameaça em potencial e por isso, para preservarmos nossa integridade, atitudes são esperadas, sejam elas reativas ou preventivas.

Assim, talvez seja essa experiência de uma comunidade de falantes em relação ao tema inimigo que motiva as pessoas a realizarem qualquer sacrifício, que vão de produtos caríssimos à cirurgia plástica, em busca da tão sonhada beleza e juventude eterna.

## Considerações finais

Os dados apresentados apontam que, de fato, conforme sugerido por Lakoff e Johnson (2002), Gibbs (1999) e Kovecses (2005; 2007), imaginamos, nos expressamos e agimos metaforicamente na vida cotidiana. As metáforas conceptuais estão presentes em nosso cotidiano e são diariamente atualizadas e homologadas através de diversas expressões metafóricas. Além disso, essas metáforas conceptuais que constituem um protótipo de experiências outrora corporificadas sinalizam a forma que determinada cultura concebe e interage com o mundo. Nesse sentido, é possível observar que a sociedade brasileira contemporânea concebe a velhice de uma forma diferente de muitas culturas orientais, por exemplo, nas quais a velhice é primordialmente associada à sabedoria. Em nossa cultura, há uma luta constante, uma guerra declarada contra um mal implacável, o inimigo mortal: a velhice. Muitos fabricantes de cosméticos e a mídia em geral aproveitam-se cada vez mais de uma propaganda negativa da irreversível natureza humana do envelhecimento através da oferta da esperança do rejuvenescimento ou até mesmo do não-envelhecimento. E é essa esperança a principal força motriz para aquisição de novos produtos. Cada produto, por sua vez, sempre apresentado como 'revolucionário', é a materialização e a renovação da esperança daqueles que se encontram em uma busca incansável pelo rejuvenescimento ou até mesmo pela cura e derrota da velhice.

## Referências:

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BLACK, Max. *Models and Metaphors: studies in languages and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

BOWKER, Lynne; PEARSON, Jennifer. *Working with specialized language: a practical guide to using corpora*. London: Routledge, 2002.

CRUZ, Anna Cecília de Paula. *Metáforas orientacionais e ontológicas na ampliação semântica de quatro raízes hebraicas*. 2010.233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

EVANS, Vyvyan; GREEN Melaine. *Cognitive Linguistics an Introduction*. Mahwah, New Jersey. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Viladre. (orgs). *Corpos Mutantes: Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS Ed, p. 73-87, 2007.

GIBBS, Raymond W. Jr. Taking metaphor out o four heads and putting it into the cultural world. In: Raymond W. Gibbs and Gerald J. Steen (eds), *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia John Benjamins, p. 145-65, 1999.

KOVECSES, Zoltan. *Metaphor A Practical Introduction*. Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. Variation in metaphor. In: VIEIRA, Josalba Ramalho.; VEREZA, Solange Coelho. (eds), *Ilha do Desterro*. Florianópolis, nº 53, p. 13-39, 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Cambridge: Cambridge University Press. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEEZENBERG, Michiel. *Contexts of Metaphor*. University of Amsterdam, The Netherlands. Editora Elsevier, p. 31-43, 2001.

MAIA, Gabriela Felten da. Corpo e velhice na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, ano 8, nº 3, p. 704-711, 2008.

Disponível

em:

<<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a11.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2009.

PITANGA, Danielle de Adrade. (2006). *Velhice na cultura contemporânea*. 191f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) & Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

RICHARDS, Ivor Armstrong. *The Philosophy of Rhetoric*. London: Oxford University Press, 1936.

SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. UK: Cambridge University Press, 2008.

SANTOS, Flávia da Cruz; DAMICO, José Geraldo Soares. O Mal-Estar na Velhice como Construção Social. *Pensar a Prática*, Vol. 12, nº 01. UFG, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/4439/4519>> . Acesso em: 20 jul. 2009.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.

VEREZA, Solange Coelho. Novos caminhos para o estudo da metáfora. In: ZYNGIER, Simone, VIANA Vander e SPALLANZANI, A. *Linguagens e tecnologias: estudos empíricos*. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

\_\_\_\_\_. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: Editora EdUFF, 2007.

VIANA, Vander. *Verbos modais em contraste: análise de corpus da escrita de universitários em inglês*. 2008.230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Linguística de Corpus. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E. O., *Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, p. 25-95, 2010.

**Enviado em 12 de outubro de 2011**

**Aprovado em 06 de maio de 2012**